



A natureza na contística claricana: uma perspectiva ecocrítica

Antonia de Jesus SALES¹
Odile CISNEROS²

Resumo

O referido artigo visa discutir a contística claricana em uma perspectiva transdisciplinar, ao considerá-la pelo ponto de vista da ecocrítica, tendo como referencial teórico Barry (2002) e Garrard (2006). Assim, nosso foco, aqui, é observar como a natureza é representada nos contos, enfocando a literatura em conexão com o meio-ambiente e como esta relação aparece na obra *Todos os Contos* (2016) de Clarice Lispector.

Os excertos analisados tendenciam um olhar ecológico, através das descrições e reflexões minuciosas encontradas, que demonstram um olhar de proximidade para com o mundo animal, perpassando sensações de medo e de tentativa de ambiência.

Palavras-chave: Ecocrítica; Contística; Literatura.

Abstract

This article aims to discuss Clarice Lispector's short stories in a transdisciplinary perspective, from the point of view of ecocriticism, having Barry (2002) and Garrard (2006) as theoretical references to guide the discussion. Likewise, we focus on observing the way nature is represented in the short stories of *Todos os Contos* (2016) by Clarice Lispector. The excerpts analyzed can be seen to convey an ecological perspective, through the descriptions and meticulous reflections, which demonstrate a sense of proximity to the animal world as well as through feelings of fear and attempts at suggesting a sense of ambience.

Keywords: Ecocriticism; Short Stories; Literature.

Introdução

A discussão, aqui almejada, busca discutir pontos da contística de Clarice Lispector

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – (IFCE - Campus Tauá). <http://lattes.cnpq.br/0619140274650159>

² Professora adjunta permanente da Universidade de Alberta (UofA - Canadá), atuando na referida instituição desde 2009, no Centro de Línguas Modernas e Estudos Culturais, atuando, principalmente, nas áreas de literatura e tradução literária (no âmbito brasileiro e mexicano), tendo organizado vários eventos e ministrado palestras em várias universidades. Atualmente, é editora-chefe da Revista Canadiense de Estudios Hispánicos.

por um viés ecocrítico, considerando, para isto, teóricos que discutem a relação literatura e natureza – ecocrítica ou estudos verdes (*green studies*, BARRY, 2002). Nesse sentido, “(...) Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’. (...)” (GARRARD, 2006, p. 14). Segundo o E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia,³ uma análise ecocrítica busca dar voz a algo geralmente silenciado, a natureza e o que está ao seu redor, numa perspectiva ecocêntrica e não antropocêntrica, privilegiando o que está externo ao autor do texto e de que forma este externo é construído. Dessa forma, o contexto e o lugar da escrita podem vir a ser até mais relevante do que o autor e sua intenção.

Buscamos assim, por uma interpretação mais cultural e literária, investigar como os elementos da natureza estão representados na compilação dos contos claricianos. Assim, os estudos ecocríticos conectam o texto literário a aspectos ecológicos contidos neste. Barry (1995) postula que os ecocríticos releem obras literárias por uma perspectiva ecocêntrica, observando a representação do mundo natural, extendendo a aplicabilidade dos conceitos ecocêntricos a textos literários e dando atenção especial a escritores que consideram a natureza de maneira significativa em sua obra que podem ser considerados ambientalistas.

Para Barry (2002), os ecocríticos: releem obras literárias em uma perspectiva ecocêntrica, com atenção particular para a representação do mundo natural; se apoiam em conceitos ecocêntricos que vão além do mundo natural, como crescimento e energia, equilíbrio e desequilíbrio, a simbiose a mutualidade, o sustentável e seu oposto e o uso de energia e recursos. Os ecocríticos dão ênfase a escritores que tem a natureza como pano de fundo na maioria de suas obras, enfocando suas análises em valores ecocêntricos de observações meticolosas e responsabilidade ética coletiva.

A contística claricana numa perspectiva ecocrítica

A literatura claricana tem sido estudada, anteriormente, por uma perspectiva ecocrítica. A seguir, alguns destes estudos: Tambosi (2017) analisa o livro *O Mistério do Coelho Pensante* (2013) pela Teoria da Recepção, buscando representações da filosofia ético-minimalista na obra. Tambosi verifica que Lispector personifica, sem antropomorfizar o personagem principal, criticando o especismo – a tradição humana de hierarquizar espécies.

Um outro trabalho, na área literária, é Nascimento (2017) que investiga como Clarice

³ <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecocritica/>
Rile/Jile – An International Peer
Reviewed Journal

representa a Natureza nas obras *A maçã no escuro* (1961) e *A paixão segundo GH* (1964), tendo a ecocrítica como ferramenta de análise. Em ambas as obras, Nascimento encontra representações da natureza e aspectos ecocriticos, através da relação dos personagens – Martin e G.H. – com o incognoscível, experiências com o externo, além de suas vidas comuns. Nascimento atenta para o fato de que Martin, de *A maçã no escuro*, na maior parte do enredo, é chamado apenas de “homem”, enquanto a personagem G.H. se perde num mundo de sensações ao visitar o quarto da empregada, em *A paixão segundo GH*.

Abiahy (2006) discute, em uma análise do conto “Amor”, a desconstrução da imagem da mulher que vive sob o patriarcado, presa apenas ao ambiente doméstico e que tenta fugir desta realidade pela interação com a natureza. A autora observa que ao ter um contato mais íntimo com a natureza, a personagem principal, Ana, adquire um novo entendimento do que está ao seu redor, conseguindo escapar dos tabus e das amarras da sociedade em que vive. Podemos vincular tal experiência ao ecofeminismo, a relação de conexão entre ecologia e feminismo. Nunes (1989) – primeiro estudioso de Clarice – pontua como temáticas principais dos contos desta autora:

(...) O que importa, independentemente da generalidade com que aí se apresentam, é a modulação que lhes impõem determinados motivos, entrevistados (...), e que aparecem frequentemente combinados ou de maneira isolada, mas com a insistência de leitmotifs que atravessam a obra, repetidos de romance a romance ou de conto a conto: a inquietação, o desejo de ser, o predomínio da consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas, a potência mágica do olhar, a exteriorização da existência, a desagregação do eu, a identidade simulada, o impulso ao dizer expressivo, o grotesco e/ou o escatológico, a náusea e o descortínio silencioso das coisas. (NUNES, 1989, p. 99)

A análise, aqui pretendida, centra-se na obra *Todos os Contos*, a compilação dos contos de Clarice Lispector, publicada em 2016 e editada por Benjamin Moser, um de seus biógrafos. A obra se torna pioneira pelo fato de ter sido primeiramente compilada e publicada em língua inglesa e, posteriormente, publicada em português, no Brasil, no seu país de origem. É válido salientar que na tentativa de publicar seus primeiros contos, Clarice Lispector teve dificuldades. Seus contos eram recusados, pois segundo as editoras, seus textos se tratavam apenas de sensações. A seguir, uma interpretação ecocrítica será feita a partir das seguintes categorias de análise: A animalização do homem e a contemplação da natureza.

A animalização do homem

Através de excertos retirados dos contos – publicados durante toda a vida literária de Clarice, que vai desde a publicação de ‘Trunfo’, primeiro conto publicado em 1920 até os últimos contos publicados em 1977, no livro *A Bela e a Fera*.

No conto “Eu e Jimmy”, Clarice narra a busca de uma mulher por sua identidade em uma relação de casal. “(...) Minha querida, os homens são uns animais”. (LISPECTOR, 2016, p. 81); “(...) Dormi meio triste. Mas acordei feliz, puramente animal. Quando abri as janelas do quarto e olhei o jardim fresco e calmo aos primeiros fios de sol, tive a certeza de que não há mesmo nada a fazer senão viver” (LISPECTOR, 2016, p. 81).

No excerto apresentado, temos, na primeira frase, o termo ‘animais’ usado de forma pejorativa. Já na segunda frase, há uma contradição em relação a primeira frase, indo contra as ideias antropocêntricas de que animais não apenas são diferentes dos humanos, mas que são também inferiores.

Em “Cartas a Hermengardo”, Clarice inova no gênero por fazer um conto em forma epistolar. Idalina, a personagem principal escreve cartas para seu vizinho de prédio, cartas que nunca serão enviadas, mas que propõem grandes reflexões acerca, principalmente, da solidão e das relações humanas: “Porque o homem perturbado pelo orgulho procura a paixão como uma forma de achar a humildade. Ele presente (e ai dos cegos) que depois virá a humildade e na humildade há a serenidade da flor que se permite balançar ao sopro da vida”. (LISPECTOR, 2016, p. 109):

Eu queria te dizer que ter paixões não é viver belamente, mas sofrer inutilmente. Que a alma foi feita para ser guiada pela razão e que ninguém poderá ser feliz se estiver à mercê dos instintos. Porque nós somos animais porém somos animais perturbados pelo homem. E se aqueles perdoam a este, este é orgulhoso e exigente e nunca perdoa os excessos daqueles. (LISPECTOR, 2016, p. 108)

Temos, aí, a reafirmação da animalidade humana de uma forma poética, ao mesmo tempo, que reflexiva. A personagem se reconhece como animal, ao mesmo tempo em que mostra uma perturbação pelos resultados dos instintos que esta situação lhe traz. Temos, assim, uma preocupação da personagem com a tendência da natureza humana de seguir seus instintos. A seguir, no conto, dois momentos de interação da personagem com a natureza. O primeiro, uma relação de sentimentos com as árvores e, no segundo, a personagem fecha seu pensamento em uma reflexão complexa sobre a consciência humana:

Hoje é domingo e a cidade está bonita. Não há ninguém nas ruas e todas as árvores existem sozinhas e soberanas. As inquietações e os desejos e os ódios se abaixaram, se estiraram sobre a terra, cansados de existir. E à altura da boca só encontro o ar suave e puro da renúncia serena. (LISPECTOR, 2016, p. 107)

Nós chegamos a um certo grau de consciência de nossa inteligência e, sabendo que é esta a nossa marca de homem, descobrimos que a ele devendo (sic) dar a nossa força para atingirmos a perfeição humana. E nem com isso quero dizer que deixemos de ser animais. Nunca renunciaremos a essa felicidade. O que devemos procurar é que este estado primitivo suba um pouco e que nosso orgulho de raciocinante desça um pouco até que os dois seres que existem em nós se encontrem, se absorvam e formem uma nova espécie de natureza. (LISPECTOR, 2016, p. 109)

Esta última citação nos remete à definição do objeto de estudo da ecocrítica, postulado por Garrard (2006): “(...) a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano”.”

A personagem do conto “Cartas a Hermengardo” se mostra consciente da sua natureza animal e questiona a necessidade de evoluir em nosso estado primitivo, numa busca constante pelo equilíbrio, conforme a citação anterior. Há, assim, a promoção de uma reação dialógica constante entre homem e natureza.

A contemplação da natureza

Outro ponto a ser observado é a contemplação dos elementos da natureza na escrita clariciana. Tal situação ocorre, primordialmente, através da constante personificação dos elementos da natureza: Em “Delírio”, vemos a personificação ocorrer de forma clara. O personagem principal é um homem que passa por um delírio febril, vivenciando diversos aspectos da natureza no campo da lucidez:

Da janela enxerga a rua clara e movimentada. Guris brincam de botão à porta da Confeitaria Mascote, um carro buzina junto ao botequim. As mulheres, de sacola na mão, suadas, vêm da feira. Pedaços de nabos e alfaches se misturam à poeira da rua estreita. E o sol, puro e cruel, espalhado por cima de tudo.

(...) Vai andando devagar, arrastando as pernas moles, levanta os lençóis, bate no travesseiro e mete-se lá dentro, com um suspiro. Torna-se tão humilde diante da rua viva e do sol indiferente...

Na sua cama, no seu quarto, os olhos fechados, ele é rei. (LISPECTOR, 2016, p. 69)

(...) Uma luz muito doce se espalha sobre a Terra como um perfume. A lua dilui-se lentamente e um sol-menino espreguiça os braços translúcidos... Frescos murmuríos de águas puras que se abandonam aos declives. Um par de asas dança na atmosfera rosada. Silêncio, meus amigos. O

dia vai nascer.

Um queixume longínquo vem subindo do corpo da Terra... Há um pássaro que foge, como sempre. E ela, arquejante, rompe-se de súbito com estrondo, numa ferida larga... Larga como o Oceano Atlântico e não como um rio louco! Vomita borbotões de barro a cada grito.

Então o sol apruma o tronco e surge inteiro, poderoso, sangrento. Silêncio, amigos. Meus grandes e nobres amigos, ides assistir a uma luta milenar. Silêncio. S-s-s-s... (LISPECTOR, 2016, p. 70)

Nas citações acima, temos uma contemplação da natureza pelo viés da descrição minuciosa dos elementos que permeiam a paisagem apresentada pelo eu-lírico. Podemos compreender a natureza, nesse espaço, com um papel principal, uma vez que todo o enredo é construído a partir do que está ao redor do narrador. Também há uma continuidade entre o ser humano-narrador e o (meio)ambiente, de maneira que não existe a habitual divisão conceitual humano/natureza em que se baseia o antropocentrismo, e consequentemente, o abuso da natureza. Há, assim, uma relação de igualdade homem/natureza. Temos um “rio louco”, um oceano que vomita, um sol poderoso – puro e cruel, enfim, a natureza como elemento/personagem personificado e preponderante na narrativa.

Em “Mistério de São Cristóvão”, o mesmo efeito da personificação é encontrado: “Passaram-se horas. E quando o silêncio piscava nos vaga-lumes (...)” (LISPECTOR, 2016, p. 236). Mais, a seguir, os sapos, as velas, os jardins e as borboletas, além do silêncio, também ganham ações:

A simples aproximação de quatro máscaras na noite de maio parecia ter percutido ocos recintos, e mais outros, e mais outros que, sem o instante no jardim, ficariam para sempre nesse perfume que há no ar e na imanência de quatro naturezas que o acaso indicara, assinalando hora e lugar – o mesmo acaso preciso de uma estrela cadente. Os quatro, vindos da realidade, haviam caído nas possibilidades que tem uma noite de maio em São Cristóvão. Cada planta úmida, cada seixo, os sapos rouscos aproveitavam a silenciosa confusão para se disporem em melhor lugar (...) (LISPECTOR, 2016, p. 238)

Em breve as velas se espalhavam dançando na escuridão. Heras aclaradas se encolhiam, os sapos saltavam iluminados entre os pés, frutos se douravam por um instante entre as folhas. O jardim, despertado no sonho, ora se engrandecia ora se extinguia; borboletas voavam sonâmbulas. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 239)

Ao dar vida a seres não humanos (velas que dançam, o jardim que desperta, borboletas que são sonâmbulas), o texto é construído de forma poética. Ao imaginar uma “silenciosa confusão” e as demais descrições ao redor, o poético e o imagético se encontram, enfatizando uma comunhão entre o humano e não-humano.

Em “Gertrudes pede um conselho”, a noite ganha vida: “(...) A noite não dormia até que os galos longínquos começassem a cantar. (...)”. Outro aspecto observado é a

contemplação constante das personagens para com elementos da natureza. As personagens interagem e refletem sobre a natureza ao seu redor. Em “Triunfo”, primeiro conto publicado da autora (data de 1940, sua publicação). Ao representar a imagem de uma mulher se recuperando do término de um relacionamento, a autora demonstra o encontro da mulher com a natureza ao seu redor:

<p>A clara mancha de sol se estende aos poucos pela relva do jardim. Vem subindo pelo muro vermelho da casa, fazendo brilhar a trepadeira em mil luzes de orvalho. Encontra uma abertura, a janela. Penetra. E apodera-se de repente do aposento, burlando a vigilância da cortina leve. (LISPECTOR, 2016, p. 27)</p> <p>Mas o silêncio se prolongara infinitamente, rasgado apenas pelo sussurro monótono da cigarra. A noite sem lua invadira aos poucos o aposento. A aragem fresca de junho fazia-a estremecer. (LISPECTOR, 2016, p. 29)</p>	<p>Soam 11 horas, compridas e descansadas. Um pássaro dá um grito agudo. Tudo imobilizou-se desde ontem, pensa Luísa. Continua sentada na cama, estupidamente, sem saber o que faça. Fixa os olhos numa marinha, em cores frescas. Nunca vira água com tal impressão de liquidez e mobilidade. (LISPECTOR, 2016, p. 30)</p>
<p>A sala de jantar estava às escuras, úmida e abafada. Abre as janelas de uma vez. E a claridade penetra num ímpeto. O ar novo entra rápido, toca em tudo, acena a cortina clara. Parece que até o relógio bate mais vigorosamente. Luísa queda-se ligeiramente surpresa. Há tanto encanto nesse aposento alegre. Nessas coisas de súbito aclaradas e revivescidas. Inclina-se pela janela. Na sombra dessas árvores em alameda, terminando lá ao longe na estrada vermelha de barro... (LISPECTOR, 2016, p. 31)</p>	<p>O trabalho fizera-lhe calor. Olhou a torneira grande, jorrando água límpida. Sentia um calor... Subitamente surgiu-lhe uma ideia. Tirou a roupa, abriu a torneira até o fim, e a água gelada correu-lhe pelo corpo, arrancando-lhe um grito de frio. Aquele banho improvisado fazia-a rir de prazer. De sua banheira abrangia uma vista maravilhosa, sob um sol já ardente. Um momento ficou séria, imóvel. O romance inacabado, a confissão achada. Ficou absorta, uma ruga na testa e no canto dos lábios. A confissão. Mas a água escorria gelada sobre seu corpo e reclamava ruidosamente sua atenção. Um calor bom já circulava em suas veias. De repente, teve um sorriso, um pensamento. Ele voltaria. Ele voltaria. Olhou em torno de si a manhã perfeita, respirando profundamente e sentindo, quase com orgulho, o coração bater cadenciado e cheio de vida. Um morno raio de sol envolveu-a. Riu. Ele voltaria, porque ela era a mais forte. (LISPECTOR, 2016, p. 31)</p>

As descrições de elementos da natureza, no conto supracitado, objetivam dar um suporte na representação do momento em que a personagem vive – a recuperação de um relacionamento que findou – a personagem se apega ao que está ao seu redor, do raiar do sol, do bater do relógio, até o cair dos raios de sol, as ações e o período de tempo de um dia são permeados pelos elementos naturais. Nesse sentido, a natureza tem um poderoso efeito salutar

na personagem, e que ela adquire a força da natureza através desse contato, num momento de fragilidade para ela. Mais uma vez, a natureza tem papel preponderante. Outro conto em que encontramos a natureza representada em cunho contemplativo é em “História Interrompida”:

Num dia de verão, abri a janela de par em par. Pareceu-me que o jardim entrara na sala. Eu tinha vinte e dois anos e sentia a natureza em todas as fibras. Aquele dia estava lindo. Um sol mansinho, como se nascesse naquele instante, cobria as flores e a relva. Eram quatro horas da tarde. Ao redor, o silêncio. (LISPECTOR, 2016, p. 83)

Em “Trecho” a personagem, no aguardo de seu pretendente, na ânsia de lidar com a ansiedade do momento, começa a refletir sobre o que vê ao seu redor e sobre suas memórias:

(...) Era absurdo, mas sempre que lhe aconteciam “coisas” ela intercalava essas coisas com pensamentos perfeitamente fúteis e despropositados. Quando Nenê ia nascer e ela estava no hospital, deitada, branca e morta de medo, acompanhou obstinadamente o voo de uma mosca em torno de uma xícara de chá e chegou a pensar, dum modo geral, na vida acidentada das moscas. E na verdade, concluirá, acerca desses pequeninos seres há grandes estudos a fazer. Por exemplo: por que é que possuindo um belo par de asas não voam mais algo? Serão impotentes essas asas ou sem ideal as moscas? Outra questão: qual a atitude mental das moscas em relação a nós? E em relação à xícara de chá, aquele grande lago adocicado e morno? Na verdade, aqueles problemas não eram indignos de atenção. Nós é que ainda não somos dignos deles. (LISPECTOR, 2016, p. 94)

Em “Água do mar”, a personagem contempla o mar e reflete sobre a relação humana com a amplidão do mar:

Aí está ele, o mar, o mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar. (LISPECTOR, 2016, p. 425)
Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra. (LISPECTOR, 2016, p. 425)

A comparação entre o ser animado: a mulher – “o mais ininteligível dos seres vivos” - e o ser inanimado: o mar – “o mais ininteligível das existências não humanas” numa relação de constante reflexão. Em “Uma tarde plena”, uma mulher se depara com a experiência de encontrar um sagui no ônibus:

O sagui é tão pequeno como um rato, e da mesma cor.
A mulher, depois de se sentar no ônibus e de lançar uma tranquila vista de

proprietária pelos bancos, engoliu um grito: ao seu lado, na mão de um homem gordo, estava aquilo que parecia um rato inquieto e que na verdade era um vivíssimo sagui. Os primeiros momentos da mulher versus sagui foram gastos em procurar sentir que não se tratava de um rato disfarçado. (LISPECTOR, 2016, p. 515)

Junto com as características, explicitadas acima, há uma descrição que permeia a relação das personagens com os elementos da natureza: a natureza como um local de busca pelo revigoramento por parte dos que estão cansados. Segundo Garrard (2006, p. 88): “O mundo natural tem valor quase sacramental: guarda a promessa de uma relação autêntica e renovada da humanidade com a terra, um pacto pós-cristão encontrado num espaço de pureza e calcado numa atitude de reverência e humildade. (...). Ainda, em “História Interrompida”, temos momentos de contemplação justapostos à narrativa:

Não conseguia dormir durante o resto da noite. Estava tão desperta que o ressonar de Mira me enervava, e até a lua, muito redonda, cortada ao meio por um galho de folhas finas, parecia-me defeituosa, com uma inchação do lado e excessivamente artificial. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 86)	Agora está com fome. Há doze anos e não sente fome. Entrará num restaurante. O pão é fresco, a sopa é quente. Pedirá café, um café cheiroso e forte. Ah, como tudo é lindo e tem encanto. O quarto do hotel tem um ar estrangeiro, o travesseiro é macio, perfumada a roupa limpa. E quando o escuro dominar o aposento, uma lua enorme surgirá, depois dessa chuva, uma lua fresca e serena. E ela dormirá coberta de luar... (LISPECTOR, 2016, p. 91)
--	---

As citações, elencadas acima, corroboram com Garrard, quanto ao valor sacramental do mundo natural. Tal característica é comum na escrita clariciana, seja na contemplação dos recursos naturais, seja nas ações rotineiras dos personagens e como tais recursos permeiam tais rotinas. As personagens claricianas tem um contato direto com os animais. Aves, insetos, animais domésticos e selvagens perpassam os cenários explorados. Em alguns momentos, a personagem se compara com um animal - “A forma do cavalo representa o que há de melhor no ser humano. Tenho um cavalo dentro de mim que raramente se exprime. Mas quando vejo outro cavalo então o meu se expressa. Sua forma fala.” (“Seco estudo de cavalos”, LISPECTOR, 2016, p. 470). Um ovo quebrado em uma frigideira se transforma em uma desculpa para uma discussão filosófica sobre fertilidade e a vida interior da galinha – “(...) O ovo é o grande sacrifício da galinha. O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida. O ovo é o sonho inatingível da galinha. A galinha ama o ovo. (...)” (“O ovo e a galinha”, LISPECTOR, 2016, p. 306). Em “Esperança”, a personagem reflete sobre os insetos ao seu redor:

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se por ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto. (LISPECTOR, 2016, p. 411)

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia “a” aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 412)

Mais como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la. (LISPECTOR, 2016, p. 413)

Em “O crime do professor de matemática”, temos um professor que abandona seu cachorro, por ocasião de uma mudança do personagem para outra cidade, e um cachorro que o professor mata em tributo ao cão abandonado. Garrard (2006) discute a relação entre animais de estimação e os animais selvagens, mantidos geralmente em zoológico, considerando que animais domésticos são diferentes conceitual e culturalmente de animais selvagens. No conto “Amor”, encontramos várias referências à vida animal:

(...) Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d’água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. (...) Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 154)

(...) E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse eu. (LISPECTOR, 2016, p. 154)

(...) Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar da flor saísse um mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia para os frutos do Jardim Botânico. (LISPECTOR, 2016, p. 155)

(...) E ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 159)

Um fato marcante nos contos de Lispector é sua relação com ratos e baratas. As baratas aparecem, constantemente, em sua escrita. Este tipo de animal é considerado praga, animais daninhos, diferindo culturalmente de outros animais. E isso revela, também, preconceitos humanos – os animais que para nós são prejudiciais, vem a ser rejeitados culturalmente, embora eles tenham sua função na natureza. A ironia de Clarice em relação à atitude humana frente às baratas é um tema muito rico, uma vez que está presente em várias partes de sua obra. O que se vê aqui, por exemplo, é a luta entre o ser humano e esse inseto – a eterna luta pela sobrevivência. Em “A quinta história” uma situação – uma receita para

matar baratas - é contada de forma humorada de cinco formas diferentes. Seu início é enigmático: “Esta história poderia chamar-se “As Estátuas”. Outro nome possível é “O Assassinato”. E também “Como Matar Baratas”. Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras, porque nenhuma delas mente a outra. (...)” (LISPECTOR, 2016, p. 335). Nas mini-estórias, a situação é descrita, alguma vezes, minuciosamente, outras vezes, de forma inesperada. Abaixo, temos uma delas:

A outra história é a primeira mesmo e chama-se “O Assassinato”. Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato. A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram: pertenciam ao andar térreo e escalavam os canos do edifício até o nosso lar. Só na hora de preparar a mistura é que elas se tornaram minhas também. Em nosso nome, então, comecei a medir e pesar ingredientes numa concentração um pouco mais intensa. Um vago rancor me tomara, um senso de ultraje. De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roía casa tão tranquila. Mas se elas, como os males secretos, dormiam de dia, ali estava eu a preparar-lhes o veneno da noite. Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. Baratas sobem pelos canos enquanto a gente, cansada, sonha. E eis que a receita estava pronta, tão branca. Como para baratas espertas como eu, espalhei habilmente o pó até que este mais parecia fazer parte da natureza. De minha cama, no silêncio do apartamento, eu as imaginava subindo uma a uma até a área de serviço onde o escuro dormia, só uma toalha alerta no varal. Acordei horas depois em sobressalto de atraso. Já era de madrugada. Atravessei a cozinha. No chão da área lá estavam elas, duras, grandes. Durante a noite eu matara. Em nosso nome, amanhecia. No morro um galo cantou. (LISPECTOR, 2016, p. 335)

No excerto apresentado, temos a representação das baratas na natureza, da luta humano/natureza. Em “Feliz aniversário”, uma passagem bíblica é reconstruída – “(...) acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe”. (LISPECTOR, 2016, p. 186). A figura do galo aparece, não apenas como elemento da natureza, mas como um fator de ligação com a narrativa bíblica. Outra referência bíblica, ligada à natureza, aparece em “A legião estrangeira”, quando o personagem descreve o aparecimento de um pinto em casa:

(...) Meu inesperado consentimento em saber foi hoje provocado pelo fato de ter aparecido em casa um pinto. Veio trazido por mão queria ter o gosto de me dar coisa nascida. Ao desengradarmos o pinto, sua graça pegou-nos em flagrante. Amanhã é Natal, mas o momento de silêncio que espero o ano inteiro veio um dia antes de Cristo nascer. Coisa piando por si própria

desperta a suavíssima curiosidade que unto de uma manjedoura é adoração. (...) O pinto, esse piava. Mas Natal é amanhã, disse acanhado o menino mais velho. Sorriámos desamparados, curiosos. (LISPECTOR, 2016, p. 348)

Da mesma forma, em “Macacos”, a personagem narra sua experiência de ter um mico-leão em casa:

Da primeira vez que tivemos em casa um mico foi perto do Ano-Novo. Estávamos sem água e sem empregada, fazia-se fila para carne, o calor rebentara – e foi quando, muda de perplexidade, vi o presente entrar em casa, já comendo banana, já examinando tudo com grande rapidez e um longo rabo. Mais parecia um macacão ainda não crescido, suas potencialidades eram tremendas. Subia pela roupa estendida na corda, de onde dava gritos de marinheiro, e jogava cascas de banana onde caíssem. E eu exausta. Quando me esquecia e entrava distraída na área de serviço, o grande sobressalto: aquele homem alegre ali. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 300)

Garrard (2006), a partir da concepção de zoológico como espaço da supremacia humana, discute as contradições entre os direitos dos animais e a representação deles culturalmente. A percepção da garotinha – no sentido do contato de proximidade – representada, no excerto acima, é diferente da percepção dos que visitam os animais no zoológico. Ainda em “Feliz aniversário”, a imagem de um cachorro aparece como um fator comparativo: “Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala (...).” (LISPECTOR, 2016, p. 187). Em “A mensagem”, temos um outro momento de comparativo envolvendo elementos da natureza: “(...) Infelizes? Como? se na verdade tocavam, sem nenhum motivo, num tal ponto extremo de felicidade como se o mundo fosse sacudido e dessa árvores imensas caíssem mil frutos. Infelizes? se eram corpos com sangue como uma flor ao sol. (...).” (LISPECTOR, 2016, p. 287). Em “O búfalo”, uma visita ao zoológico traz uma experiência incomum de interação com os animais:

Recomeçou a andar em direção aos bichos. O quebranto da montanha-russa deixara-a suave. Não conseguiu ir muito adiante: teve que apoiar a testa na grade de uma jaula, exausta, a respiração curta e leve. De dentro da jaula o quati olhou-a. Ela o olhou. Nenhuma palavra trocada. Nunca poderia odiar o quati que no silêncio de um corpo indagante a olhava. Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo uma pergunta como uma criança pergunta. E ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão

Abriu os olhos devagar. Os olhos vindos de sua própria escuridão nada viram na desmaiada luz da tarde. Ficou respirando. Aos poucos recomeçou a enxergar, aos poucos as formas foram se solidificando, ela cansada, esmagada pela doçura de um cansaço. Sua cabeça ergue-se em indagação para as árvores de brotos nascendo, os olhos viram as pequenas nuvens brancas. Sem esperança, ouviu a leveza de um riacho. Abaixou de novo a cabeça e ficou

<p>mortal. A testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que quati livre a examinava. (LISPECTOR, 2016, p. 252)</p>	<p>olhando o búfalo ao longe. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 254)</p>
<p>(...) Olhando com isenção aquele grande terreno seco rodeado de grandes altas, o terreno do búfalo. O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo com uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que a distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos. (LISPECTOR, 2016, p. 254)</p>	

As citações acima nos remetem à obra *Why look at animals?* De John Berger (2009), que traz uma discussão relevante sobre o papel dos animais na história. Inicialmente, eles faziam parte do dia a dia da sociedade ocidental, passaram a serem os primeiros modelos dos artistas primitivos – na escrita rupestre – passando a ser os principais fornecedores de comida, vestuário e transporte para os humanos chegando ao momento atual, onde foram praticamente substituídos por máquinas e o local deles passa a ser, primordialmente, o zoológico. Uma análise profícuia sobre a percepção do mundo ao nosso redor, relacionando as sociedades antiga e atual em seus paradoxos e as mudanças nos pontos de vista. Na sociedade hodierna, nós comemos comida oriunda de animais, produzida em larga escala, num ponto em que não mais associamos uma carne do supermercado com uma vaca real. Por outro lado, a ausência de contato com o mundo animal nos é “compensada” com algumas instituições controversas, como zoológicos, circos, reservas naturais, brinquedos que nos remetem aos animais, filmes de animação, jogos, dentre outros, que nos remetem à imagens da natureza. Assim, segundo Berger, há uma repressão aos animais, estimulada pelo desenvolvimento do capitalismo, reproduzindo velhas práticas coloniais. O trecho de “O búfalo” expressa um observação aprofundada do ambiente de um zoológico.

O conto “*A Repartição dos Pães*” demonstra uma característica constante na escrita clariciana: a descrição ecfrástica. De acordo com o Dicionário de Termos Literário, de Carlos Ceia: “trata-se da descrição literária ou pictórica de um objeto real ou imaginário.”⁴

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam

⁴ <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecphrasis/>>. Acesso em: 25/04/2020.

nos olhos – tudo emaranhado em barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse. Junto do prato de cada mal convidado, a mulher que lavava pés de estranhos pusera – mesmo sem nos eleger, mesmo sem nos amar – um ramo de trigo ou um cacho de rabanetes ardentes ou uma talhada vermelha de melancia com seus alegres caroços. Tudo cortado pela acidez espanhola que se adivinhava nos limões verdes. Nas bilhas estava o leite, como se tivesse atravessado com as cabras o deserto dos penhascos. Vinho, quase negro de tão pisado, estremecia em vasilhas de barro. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 281)

No caso do conto, acima retratado, a descrição dos alimentos e das paisagens – descrição ecfrástica - auxiliam na construção de imagens. Quanto à ecocrítica, temos através do efeito ecfrástico, a representação visual de aspectos da natureza e isto é relevante na construção de sentido do texto.

Oliveira (2019) – em sua obra *Alvoroco da criação: A arte na ficção de Clarice Lispector* investigou a representação das artes nas obras claricianas. A referência a elementos de natureza morta, nos contos claricianos, se dá pela descrição de quadros – texturas e cores ou de objetos inanimados, segundo Oliveira (2019). A projeção icônica, através da ecfrase – descrição minuciosa, de forma pictórica – e a personificação dos objetos retratados são as características principais dos contos de Clarice. “Em sua ficção, as alusões a elementos pictóricos, às vezes enganadoramente curtos, revelam-se metáforas de uma temática existencial, orientam a leitura, a interpretação das personagens e articulam a construção textual.” (p. 15). No caso dos contos, aqui investigados, a riqueza das descrições tende a gerar um olhar diferenciado do leitor para com as questões ecológicas. Em “Cem anos de perdão”, a personagem – uma garota - tenta justificar o roubo de uma rosa de um jardim, através da explanação de sua impressão ao ter contato, pela primeira vez, com esta:

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda era não. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah, como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém. (...) No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de

O que é que eu fazia com a rosa? Fazia isso: ela era minha. Levei-a para casa, coloquei-a num copo d’água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu coração quase parecia vermelho. (LISPECTOR, 2016, p. 410)

possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume. (LISPECTOR, 2016, p. 409)

Em “Uma história de tanto amor”, uma outra garota – o início e todo o conto é sobre a conexão que a garotinha tem com as galinhas:

Era uma vez uma menina que observava tanto as galinhas que lhes conhecia a alma e os anseios íntimos. A galinha é ansiosa, enquanto o galo tem angústia quase humana: (...) Voltando às galinhas, a menina possuía duas só dela. Uma se chamava Pedrina e a outra Petronilha. (LISPECTOR, 2016, p. 421)

(...) A menina ainda não tinha entendido que os homens não podem ser curados de serem homens e as galinhas de serem galinhas: tanto o homem como a galinha têm misérias e grandeza (a da galinha é a de pôr um ovo branco de forma perfeita) inerentes à própria espécie. (...) (LISPECTOR, 2016, p. 422)

Nas experiências, esboçadas acima, temos o que os críticos de Clarice sempre apontaram, um existencialismo profundo e constante. As experiências variam desde a contemplação de elementos naturais, até reflexões profundas e complexas, que guiam o leitor ao imagético pelas descrições pictóricas que as descrições propõem de forma poética. Nos diversos excertos, aqui esboçados, temos um conjunto de reflexões que podem ser visualizadas por um olhar ecocritico, desde que se usem as lutas certas.

Considerações Finais

A partir de uma leitura dos 84 contos compilados, percebemos uma relação da autora, através de suas personagens, para com os animais e com a natureza. A principal constatação, inicial, aparente, na obra, é a necessidade de pontuar a animalidade dos humanos. Ao longo das 654 páginas vemos uma relação constante das personagens com animais e fenômenos da natureza de todos os tipos. As narrativas se constroem com a ajuda de elementos do ambiente, atraindo a visão do leitor para tais aspectos. As referências ambientais e ecocriticas são diversas nos 24 contos explorados aqui. No entanto, por uma questão de escopo, não tivemos como abordar todas as representações encontradas.

Nos contos – publicados, originalmente, em sete livros durante os mais de 40 anos de produção literária da autora – há um predomínio de personagens femininas que se veem em relação direta com a natureza. A natureza e os animais perpassam a narrativa de diversas formas, seja como personagens principais, como em “Uma galinha”; “O búfalo”; “Macacos”; “Uma esperança”; “O ovo e a galinha” ou como parte relevante da narrativa: “Seco estudo de Rile/Jile – An International Peer Reviewed Journal

cavalos”; “A imitação da rosa”; “O morto no mar da Urca”; “Uma tarde plena”, por exemplo.

Referências

- ABIHAY, Ana Carolina de Araújo. O “Amor” de Ana rompendo com o mundo domesticado: A natureza e a desessencialização do sujeito feminino. **Revista Graphos**, v. 8, n. 1, 2006.
- BARRY, Peter. **Ecocriticism**: Beginning theory. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 248–271.
- BERGER, John. **Great ideas**: Why look at animals? England: Penguin Books, 2009.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. São Paulo: Editora Rocco, 2016.
- NASCIMENTO, Paula Santos. O haiar do *It* na obra de Clarice Lispector: Interfaces ecocriticas. In: **Anais: III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica** – Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017.
- NUNES, Benedito. **O Drama da linguagem**: lendo Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de Oliveira. **Alvoroço da criação**: A arte na ficção de Clarice Lispector. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. 148 p.
- TAMBOSI, Michelle Cerqueira César. Representações ético-animalistas em o Mistério do Coelho Pensante, de Clarice Lispector: uma leitura a partir da teoria da recepção. In: **Anais: III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica** – Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017.